

*Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

A CRIAÇÃO DO HOMEM

Quando Deus se preparou para criar o homem os anjos reuniram-se à sua volta.

Uns exclamaram:— Ó Senhor, cria um sêr, que te louve sôbre a terra, como nós te louvamos no céu.

E outros disseram:— Escuta, Rei Todo-Poderoso, não o cries. A gloriosa harmonia que dos céus tu enviaste sôbre a terra será pelo homem perturbada e destruída.

E uma voz doce disse suplicando:— «Ó Pai, cria o homem, fá-lo à tua semelhança. Eu encherei o seu coração duma piedade celeste, e tu imprime no seu ser a simpatia por tudo o que vive, desta maneira para êle tôda a coisa terá uma razão para te louvar».

E o Anjo da Misericórdia calou-se.

E o Anjo da Paz exclamou chorando:

— «Ó Deus! não o cries. — A paz

será destruída, ondas de sangue marcarão a sua vinda ao mundo, a confusão, o horror, a guerra mancharão a terra, e tu não encontrarás mais um lugar que te possa agradar entre as tuas obras sôbre a terra.»

E então o Anjo da Justiça falou:

— «Tu o julgarás, Senhor, êle será submetido ao meu domínio.»

E o Anjo da Verdade aproximou-se e disse:

— «Pára, Senhor, ó Deus da Verdade, com o homem tu envias a falsidade sôbre a terra.»

Então todos se calaram, e das profundezas dos céus ressoaram as palavras divinas:

— «Tu, ó Verdade, tu irás sôbre a terra com êle, e apesar disso continuarás a ser um anjo dos céus; entre a terra e o céu tu flutuarás, servindo de ligação entre um e a outra.»

D. ABRAHAM ZACUTO

Rabi—Astrónomo—Historiógrafo

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 129)

III

Em 1496 D. Manuel pensou em se casar com a princesa D. Isabel, viúva do filho de D. João II e filha dos reis católicos de Espanha, Fernando e Isabel.

Esta princesa não se queria tornar a casar, mas modificou a sua resolução por conselho do seu confessor, que lhe fêz ver a utilidade que dêsse acto resultaria para a fé católica, pois ela poderia influir no espírito do seu marido, o rei de Portugal, para que expulsasse do seu reino os judeus e moçulmanos ali refugiados.

Resolvida a princesa a consorciar-se com D. Manuel, os reis católicos concederam ao rei português a mão de sua filha sob várias condições entre as quais era exigida a expulsão do território português de todos os judeus, sem excepção, quer fôsem indígenas, quer fôsem imigrados.

D. Manuel hesitou em aceitar esta condição, pois não se queria privar de subditos cheios de actividade útil ao País. Submetteu o caso ao seu conselho de estado, onde se dividiram as opiniões.

Entre o sacrifício dos interesses do Estado e a sua ambição, pois D. Manuel aspirava, a ser, por intermédio do seu casamento, um dia soberano de tãda a Ibéria, optou pela ambição.

Uma carta de sua noiva, em que ela declarava categoricamente que não entraria em Portugal enquanto aqui houvesse judeus, acabou de o convencer.

Aceites as condições, foi o contrato de casamento assinado a 30 de Novembro de 1496 e a 5 de Dezembro do mesmo ano D. Manuel promulgou uma lei ordenando aos judeus e moçulmanos, sob pena de morte, que se fizessem cristãos ou abandonassem Portugal até ao fim de Outubro de 1497 e designava-lhes três portos (Lis-

boa, Pôrto e Setúbal) onde podiam embarcar livremente.

Só uma pequena parte dos judeus se resolvera à conversão, esperando tempos melhores.

Como todos podiam sair com todos os seus bens móveis, incluindo ouro ou prata, o rei não viu com prazer a saída da riqueza do País e procurou um meio de os conservar no reino como cristãos.

No conselho de Estado El-Rei apresentou a idéia de os converter à fôrça. Alguns conselheiros pertencentes ao clero opuseram-se a essa medida. O bispo do Algarve, Fernando Coutinho invocou autoridades eclesiásticas e bulas papais para demonstrar que a Igreja proibe obrigar pela violência os judeus a fazerem-se cristãos. D. Manuel, em face destas resistências, não desejando que os laboriosos judeus saíssem do País, declarou que se não preocupava com bulas ou opiniões de prelados e que seguiria a sua opinião.

D. Manuel começou por mandar fechar tãdas as sinagogas e tãdas as escolas e proibiu aos judeus que se reúnissem aos sábados para fazerem as suas orações em comum.

Como nenhum resultado desse tal medida, pois muitos judeus corajosos criaram oratórios em suas casas, o rei ordenou secretamente, no comêço de Abril de 1497, que, no domingo de Páscoa, tirassem a seus pais todos os filhos judeus de idade inferior a 14 anos e que os levassem à fôrça às pias baptismas.

Apesar das precauções tomadas, alguns judeus souberam do que tramava El-Rei e tomaram as suas medidas para escaparem a isso, fugindo.

Quando D. Manuel soube disso, ordenou que se procedesse imediatamente aos baptismos dos filhos dos judeus.

Produziram-se então cenas lancinantes em tôdas as povoações habitadas por judeus. Os pais abraçaram desesperadamente os seus filhos, que, por seu lado, se agarravam a êles com tôdas as suas forças; separavam-nos à pancada.

Muitos para não deixarem arrebatam os seus filhos, estrangulavam-nos nos últimos abraços ou precipitavam-nos nos poços ou rios, e matavam-se em seguida.

«Vi com os meus próprios olhos, conta o bispo Coutinho, crianças arrastadas pelos cabelos até às pias baptismas, e os pais acompanharem-nos, com a cabeça coberta de luto, soltando gritos lancinantes e protestando até ao pé dos altares contra êste baptismo forçado. Vi ainda muitas outras crueldades». Os contemporâneos conservaram sobretudo a recordação dolorosa do horrível género de morte escolhido, para êle e seus filhos por um judeu culto e muito considerado, Isac Ben-Cahin, para escaparem aos seus convertidores. Muitos cristãos compadeceram-se dêstes infelizes e sem pensar no perigo a que se expunham, ocultaram crianças judaicas nas suas casas para as salvarem.

D. Manuel e sua espôsa foram surdos a tôdas as súplicas e gemidos. Após o baptismo, os filhos dos judeus recebiam um nome cristão e eram em seguida espalhados por diversas terras, onde eram educados na fé cristã. Por ordem secreta ou por excesso de zêlo; os agentes reais apoderavam-se de jovens israelitas até aos vinte anos para os levarem ao baptismo.

Nestas circunstâncias alguns israelitas aceitaram a conversão para se não afastarem dos seus filhos. Mas o rei guiado, mais pelo interêsse do que pela fé; não se contentou com estas conversões, êle queria que, convicta ou não, tôda a população judaica de Portugal se fizesse cristã e ficasse no País. Para entrar a sua emigração, revogou a autorização que lhes tinha dado de embarcarem em 3 portos e só lhes permitiu o de Lisboa. Todos os emigrantes se deviam pois reunir em Lisboa.

Reuniram-se em Lisboa 20.000 para emigrar e sob vários pretextos não lhes permitiu o embarque e assim fêz expirar o prazo da saída. Tornando-se assim senhor da sua sorte fê-los alojar como rebanhos no paço dos Estaus.

Fêz-lhes saber que lhes deixava escolher

entre a conversão voluntária com a perspectiva de receberem honras e riquezas, ou serem baptizados à força. Como quási todos queriam ficar judeus, privou-os de alimentação durante 3 dias. Como nada conseguisse com a fome e sêde, mandou-os arrastar até às igrejas puxando-os com cordas e também pelas barbas ou cabelos. Muitos preferiram a morte ao baptismo; houve alguns que se mataram na própria igreja. Um pai cobriu os seus filhos com o Taleth, degolou-os e em seguida matou-se.

A conversão ao cristianismo assim imposta pela violência aos judeus não foi para êles mais que uma máscara que os obrigaram a usar.

Entre os milhares de judeus portugueses que se tinham resignado ao sacrifício da sua fé, a maior parte não esperava senão uma ocasião favorável para emigrar para um país onde pudessem livremente regressar ao judaísmo. Como disse Samuel Usque, as águas do baptismo não tinham modificado nem as suas crenças, nem os seus sentimentos.

Houve alguns judeus heróicos, como Rabi Simão Maimi, Dayan (Juiz Ouvidor) de Lisboa, sua mulher, seus genros, e outros mais, que se obstinaram a ficar abertamente fiéis à sua religião, apesar das horríveis torturas a que foram submetidos. Metidos num calabouço, foram emparedados até ao pescôço e ficaram nesta posição durante três dias. Como persistissem nas suas crenças, fizeram cair a alvenaria que os envolvia; três dos supliciados, e entre êles o Rabi Maimi, tinham sucumbido. Apesar de ser severamente proibido enterrar as vítimas destas torturas, que só os carrascos tinham direito a fazê-lo, dois maranos arriscaram a sua vida para sepultar o piedoso Rabi no cemitério judeu, onde um certo número de maranos vieram occultamente celebrar em sua honra uma cerimónia fúnebre.

Os companheiros de prisão do Rabi Simão Maimi e os seus genros ficaram ainda muito tempo encarcerados. Tirados da prisão, foram enviados para Arzila (Marrocos) sendo ali obrigados a trabalhar nos dias de sábado em obras de fortificação, e, finalmente sofreram o martírio.

D. Isabel, rainha de Portugal, que tinha sido a instigadora de tôdas as medidas iníquas tomadas contra os judeus, morreu

a 24 de Agosto de 1498 ao dar à luz o herdeiro do trono de Espanha e Portugal, que pouco lhe sobreviveu.

O mérito e os títulos do Rabi D. Abraham Zacuto, e os grandes serviços por êle prestados como propulsor científico para a criação do império colonial português, não o impediram de sofrer a sorte que affligia os seus irmãos em Portugal; vítima da real ingratidão, como êles foi atingido pela lei fanática de D. Manuel, e, se quis salvar os seus dias, foi obrigado a fingir que se convertia, esperando um momento favorável para ir para outra terra professar altamente a sua crença.

No seu baptismo forçado o Rabi D. Abraham Ben-Samuel Zacuto recebeu o nome de Diogo Rodrigues Zacuto e o seu discípulo Mestre Joseph Vizinho o de Diogo Mendes.

IV

Aquêles que haviam sido feitos cristãos à força, logo que encontravam uma ocasião favorável, sob o pretexto de especulações comerciais passavam para o Levante; muitos iam buscar um asilo nos outros estados principalmente na Holanda e na Itália.

Em 1502 o Rabi D. Abraham Zacuto, acompanhado por seu filho Samuel, conseguiu fugir de Portugal, levando a vida errante e miserável de banido e não pôde escapar, senão com custo, à morte. Correu a viagem cheia de trabalhos, sendo por duas vezes feito prisioneiro, e conseguiu chegar a Tunis, onde encontrou tranqüilidade.

Referindo-se a esta fuga, Gaspar Correia emprega as interessantes expressões, que transcrevo: — "... o dito judeu, chamado Çacuto, grande astrólogo, que depois fugiu de Portugal para Julfo como se passaram outros muitos, e lá morreu em sua errónia em o inimigo o cegou, tendo tanto saber das estrêlas ficar cego em tão claro dia como é nossa santa fé católica, e por esta causa passou neste ano de 1502 o pus aqui por sua memória, que isto escrevo neste ano de 1561. Deus seja para sempre louvado".

Tendo encontrado tranqüilidade em Tunis o Rabi D. Abraham Zacuto começou a escrever uma história cronológica dos judeus desde a criação do mundo até ao fim do

século XV, época na qual ela brilhou com o seu maior brilho, mas também onde ela foi objecto das mais terríveis catástrofes.

Este livro, intitulado *Sefer Ha-Yoh'asin* (Livro das Genealogias) é a cronologia mais exacta que tinha sido feita, fazendo constantes observações sobre a literatura judaica; ela se recomenda além disso pela precisão do estilo hebreu.

Nesta obra que Ribeiro dos Santos diz, muito erudita e sábia, Zacuto dá conta da lei oral como transmitida de Moisés pelos anciãos, profetas e sábios até ao ano de 1500, e recorda os actos e monumentos dos reis de Israel, assim como os de alguns dos soberanos das nações vizinhas. Consagra muito espaço ao cativeiro de Babilónia, aos acontecimentos que se deram durante o período do Segundo Templo, às características dêste período, aos príncipes do cativeiro e aos reitores das academias de de Sura e Pumbadita. Apesar do autor não ser muito escrupuloso em discriminar fontes de informação e de ter caído em erros numerosos, afirma-se que é obra valiosa para o estudo da história literária dos judeus.

O historiador judeu Graetz diz: "Esta obra resente-se, com efeito, da idade avançada e da situação precária do seu autor, a quem faltaram, de resto, documentos necessários para escrever uma história séria.

O *Yoh'asin* tem contudo um grande mérito, despertou entre os judeus o gosto pelas investigações históricas".

O Rabi Imanuel Aboab, no seu livro *Nomologia*, diz: "... trata o ex-professor Rabi Abraham Zacuto, no seu livro das *Genealogias*; e é obra digna de inteiro crédito, por quanto êle se achou presente a tudo, e assistia na Côrte de El-Rei D. Manuel, com o título de seu astrólogo, na qual profissão foi excellentíssimo, e havia lido Cátedra em Aragão".

Rabi D. Abraham Zacuto terminou em Tunis o seu livro das *Genealogias*. Não tinham porém cessado os trabalhos da sua vida e poucos anos depois recommençaram as suas atribulações.

O Cardeal Cisneros, confessor da rainha de Espanha Isabel, a católica, arcebispo de Toledo e Inquisidor geral falou entusiasticamente a El-Rei D. Fernando para o convencer a levar as armas espanholas à África afim de empreender a conquista de

Oran e outras terras. D. Fernando objectou que não tinha recursos financeiros para isso. O Cardeal Cisneros respondeu-lhe que conseguiria os meios para êsse fim, e pessoalmente tratou de organizar essa expedição.

Em 1509 safu a expedição de Cartagena a 16 de Maio, ancorando a armada em Mazal Kibir. O próprio inquisidor geral acompanhou a expedição. Desembarcadas as forças êle mesmo lhes arengou montado numa mula, de espada à cinta, rodeado de sacerdotes e frades, entre os quais ia um frei Fernando, montado num cavalo branco e levando a cruz arcebispal.

Iniciado o combate, escalaram os espanhóis a serra, de onde atacaram os berberescos, aos quais perseguiram até às portas da cidade de Oran, que, ao mesmo tempo, era batida pela esquadra, da qual desembarcou gente, que unindo-se aos que tinham ido por terra, acometeu a praça, que foi tomada de assalto, dando a soldadesca exemplo dum desenfreamento que, segundo um historiador espanhol, lastima conhecê-lo.

As armas espanholas continuaram sendo brandidas em África; e conquistaram Bugia e Tripoli, terminando por conseguirem a submissão de Argel, Tlermecen e Tunis.

Ao terem conhecimento dos êxitos alcançados pelos espanhóis no norte de África, Zacuto e muitos outros judeus resolveram deixar Tunis, porque êles conheciam por experiência a crueldade dos fanáticos espanhóis e não queriam expôr-se a caírem nas suas mãos. Zacuto foi refugiar-se na Turquia, onde findou os seus dias em 1515 na cidade de Damasco.

As obras que Rabi Abraham Zacuto deixou não desmentem a sua reputação.

D. Manuel II, o último rei de Portugal, num artigo intitulado *Uma Vtlima da Real Ingratidão* e com o subtítulo *Zacuto, que preparou o caminho para Portugal alcançar o Zenith da sua glória foi expulso pelos dois soberanos a quem serviu*, artigo êste escrito no seu exílio na Inglaterra, e publicado na revista judaica de Nova Iorque, *American Hebreu*, diz, sôbre as obras de Zacuto:

«Foi durante a sua estada em Tunis em 1504, que Zacuto escreveu uma história cronológica dos judeus, desde a Criação até 1500, intitulando-a *Sefer ha-Juhasin* e na qual fêz realçar a literatura judaica.»

«Em 1473 ainda em Salamanca, Zacuto escreveu o «*Biur Luhot*» que publicado em Leiria em 1496, numa tradução latina por Joseph Vizinho, foi intitulado «*Almanach Perpetuum*».

«Realmente o «grande astrólogo» com a ajuda do seu discípulo Vizinho contribuiu largamente para o progresso náutico de Portugal, pois que a sua influência, devida à sua sabedoria, não pode de maneira alguma ser negada. A ciência de Zacuto não foi sômente aproveitada pelos portugueses, mas espanhóis, começando com Colombo que possuía uma cópia do «*Almanach Perpetuum*».

D. Manuel diz possuir um exemplar desta obra absolutamente completo e num estado de conservação perfeito e que tem juntamente o texto em espanhol.

D. Manuel II termina assim o seu artigo: «Zacuto tem o seu lugar entre os cosmógrafos e matemáticos que fizeram nascer em Portugal a concepção de geografia e aos quais se deve o desenvolvimento das viagens de explorações. Foi para a realização desta missão que Zacuto e o seu discípulo Vizinho tanto trabalharam e foi para êste mesmo fim que o «*Almanach Perpetuum*» foi traduzido do hebreu e publicado em Leiria em 1496, ano anterior ao que Vasco da Gama partira para a sua viagem de descobrimentos.

«Êste livro, por tantas razões precioso, é para nós um monumento do passado que indicou a Portugal o caminho a seguir para alcançar o Zenith da sua glória.»

O Sefer Ha-Yuh'asin (livro das genealogias) foi editado por Samuel Shalom em Constantinopla em 1566 com várias omissões e adições do editor.

Rabi Abraham Zacuto escreveu um livro sôbre a alma, onde trata da sua imortalidade.

De Zacuto são também as obras:

— *Sefer Tekunat Zakhut*, livro de astronomia, que se perdeu em manuscrito.

— *Arba'im La-Binah*, tratado de Astrologia.

— *Hosafot le Sefer ha-Arukh*, dicionário rabinico-arameano.

— *Do Clima e sítio de Portugal*.

NOTAS

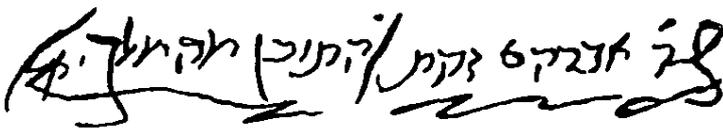
O nome *Zacuto* — Êste nome apparece-nos com diferentes grafias: *Zacuto*, *Çacuto* e *Çacoto*. O apelido *Zacuto* vem do hebraico. *ZEKHUTH* que significa mérito, merecimento. A palavra *Zacuto* pronuncia-se em espanhol *Çacuto*, o que justifica as diferentes grafias dêste nome. O Rabi *Zacuto* assinava em hebraico *Z. Q. T.* (*Zaïn, Qoph, THAV*), e, sendo do conhecimento dos etimologistas que no hebraico a letra *Qoph* se permuta com *Kaph* e vice-versa, a forma *Zacuto* é mais correcta por ser o aportuguesamento da palavra hebraica *Zekhuth*.

Naturalidade de Zacuto — Alguns autores apresentam o Rabi *Zacuto* como natural de Salamanca e outros dizem ter êle nascido em Évora, eu sou desta última opinião porque nenhuma dúvida há de ser natural desta cidade alentejana Diogo Rodrigues *Zacuto*, o famoso médico e insigne matemático, e êste nome ser o de Abraham *Zacuto* depois de, em 1497, ter sido obrigado a converter-se ao catolicismo. É interessante notar que na Beira e Alentejo existiram vários *Zacutos*, como provam vários documentos e nenhum encontrei, nem directa ou indirectamente, que indicasse a existência de judeus espanhóis com o apelido *Zacuto*.

Assinatura de Zacuto — Em Lisboa na Torre do Tombo, existe um documento do teor seguinte:

« Rui Gil mandamos que dêis a Rabi Abraham astrólogo dez espadins de ouro que lhe mandamos dar e assentai-o em vosso caderno para vo-lo depois assinarmos. Feito em Tôrres Vedras a 9 dias de Junho Pedro Lomelim o fêz de 1493 — Rei ❖

Para Rui Gil que dê a Rabi Abraham 10 espadins para o caderno.



(Torre do Tombo, corpo cronológico, Past. I, Maço 2, n.º 18).

Apud Maximiano de Lemos.

Darsou, do verbo *darsar*, aportuguesamento do verbo hebraico *Darash*, que

significa investigar, consultar, desejar com ardor, requerer, prègar, interpretar, comentar, etc..

Taleth — Manto rectangular de orações, ornado de fimbrias nos dois lados menores e de franjas simbólicas (*Sissith*) nos quatro cantos.

BIBLIOGRAFIA

L'Astronomie Nautique au Portugal — a l'époque des Grandes Decouvertes — por Joaquim Ben-saúde.

Lendas da Índia — por Gaspar Correia.

Les Juifs en France, en Italie et en Espagne — por I. Bedarride.

Biblioteca Espanhola — Portuguesa Judaica — por M. Kayserling.

Geschichte der Juden in Portugal — por M. Kayserling.

Nomologia — por Imanuel Aboab.

Histoire des Juifs — por Graetz.

Jewish Encyclopedia — (*Zacuto*).

Memórias de Literatura (II-VIII) — por A. Ribeiro dos Santos.

Ocorrências da vida judaica — (no Archivo Historico II) — por Sousa Viterbo.

Zacuto Lusitano — por Maximiano de Lemos.

Os judeus em Portugal — por J. Mendes dos Remédios.

Uma vitima da real ingratitude — (*Zacuto*, que preparou o caminho para Portugal alcançar o Zenith da sua glória foi expulso pelos dois Soberanos a quem serviu) — por D. Manuel II, ex-rei de Portugal — (artigo publicado na revista *American Hebrew*, de Nova Iorque).

Os judeus no Velho Pôrto — por Artur Carlos de Barões Basto.

História de España — por Manuel Rodriguez Codolá.

A Estréla Vénus nos «Lustadas» — Luciano Pereira da Silva.

As tábuas náuticas portuguesas e o Almanach Perpetuum de Zacuto — por Luciano Pereira da Silva.

Documentário Marano

Denúncia à Inquisição

Aos três dias do mês de Agosto do ano de mil e seiscentos e trinta e nove em Lisboa nos Estaos... D. Álvaro de Attayde mandou vir perante si a António Dourado, estudante da Paraíba... cristão velho de idade de dezanove anos.

Disse mais que no dito tempo (1635) se achou êle declarante na dita cidade de

Amsterdã na casa em que êle declarante morava e estando a  com o dito seu irmão os vieram visitar dois judeus dos quais um d eles era Rabino e se chamava Manasses e do nome do outro se não lembra e entre práticas que tiveram lhes disse o dito Manasses e deu muitas queixas do mau tratamento que em Espanha se dava   gente da na o hebraica e que t da ela era cristã forçada e que todos os anos mandavam os judeus de Holanda um judeu   Côrte de Madrid, o qual ia circuncidar os cristãos novos espanhóis moradores na dita Côrte e que decorria por várias partes da Espanha circuncidando os homens da na o que nelas moravam ao que acudiu o dito judeu repreendendo-o do que dizia diante do dito Feliciano Dourado irmão d ele declarante porque vindo a Espanha o havia de dizer e podia causar prejuízo às pessoas de sua na o e o dito Manasses f z então que estava zombando e não falaram mais nesta matéria por esta nem por outras vezes.

(Caderno 19 da Inquisi o de Lisboa, fl. 12).

Notícias diversas sôbre a Palestina

(TERRA DE ISRAEL)

O antigo Presidente dos Estados Unidos Sr. Herbert Hoover, respondendo a uma pergunta feita pelo «World Telegraph» sôbre a proposta para a soluço do problema da Palestina, lembrou o plano do Partido Trabalhista Inglês para a transferência dos  rabes da Palestina, sugerindo que os  rabes devem ser transferidos para o Iraque.

O Sr. Hoover declara compreender que o seu plano «desafia a estatística das grandes potências e a boa vontade de tôdas as partes interessadas» mas acentua que «hoje milhões de pessoas estão a ser removidas duma terra para outra». Esta transferência especial pode ser «a migra o modelar da história» oferecendo «fixa o não só com honra mas também com saber».

A Associa o dos Professores Hebraicos não decidiu ainda qual a atitude a tomar para com o Inquérito.

Um total de 80.273 rapazes e raparigas judeus receberam a sua instru o o ano passado no Departamento de Educa o de Vaad Leumi, contra 73.893 alunos do ano anterior. O ano passado foram mantidas pelo Vaad Leumi mais ou menos 651 institui es de ensino, que variam desde jardins-escolas até escolas do ensino secundário e de ensino técnico, profissional e comércio. No ano anterior, Vaad Leumi manteve 579 escolas; vai progredindo, pois.

Êstes números foram fornecidos pelo Sr. Z. Shragai, chefe do Departamento de Imprensa de Vaad Leumi, num recente encontro com os repórteres de Jerusalém.

No ano que terminou em 30 de Setembro de 1945, publicaram-se 400 livros hebraicos. No ano anterior, 250, e durante o período que procedeu 1925, publicaram-se anualmente 20 a 30 livros. Nos últimos cinco anos foram publicados 1.500 livros por 30 firmas locais. Os livros compreendem trabalhos de interêsse geral, quer originais, quer tradu es, em matéria clássica, científica, literária, etc.. Agora, como o problema do papel para os editores está a ser solucionado, pode esperar-se que o mercado livreiro hebraico se expanda grandemente.

Durante a guerra, o mercado livreiro hebraico local expandiu-se consideravelmente. Isto deu-se devido ao número crescente de leitores hebreus e às maiores possibilidades de compra dos trabalhadores. Deve notar-se que, durante a guerra, abriram duas casas editoras de labor controlado e ambas se desenvolveram rapidamente.

Vida Comunal

Na nossa comunidade, na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, celebraram-se as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano Novo), Yom Kipur (Dia do grande Perdão) e Sukot (Festa das Cabanas) com boa assistência de judeus alemães, polacos e portugueses.

A festa de Hanukah (Festa dos Macabeus) foi também solenizada com boa assistência.

Em Bragança também nunca deixou de arder o azeite na Ner Tamid (Lâmpada perene) graciosamente alimentada por uma piedosa senhora bragan ana da família Pereira.

Nesta modesta sinagoga nunca deixaram lábios piedosos de maranos de cicizar ora es nestes calamitosos tempos de guerra.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 129)

Gramáticos ilustres R. Davide Jachia — Muito se assinalou nestes estudos o famoso R. Davide Jachia filho de Salomon Jachia Lisbonense, o qual escreveu nos fins do Século XIV (*Tratado da Língua dos Eruditos segundo Isafas*, cap. 5 v. 4).

Este Tratado consta de duas partes; na primeira trata da *Gramática Hebraica*, na segunda do *Siclo do Santuário*, em que vem os preceitos da Lei postos em verso. Foi impresso em Constantinopla em o ano do Mundo 5266, de Cristo 1506 em 4.º, e em Pesaro em 1542, também em 4.º. Esta obra *Gramatical* vem no *Catálogo dos Gramáticos Judeus* de maior crédito, que atesta ter visto Morino junto com a obra da *Gramática da Língua Santa* de R. Jehudah Ching, como êle diz no Livro: *Opúscula Hebræo-Samaritica*. Há um Código Ms. na Biblioteca do Vaticano, em que se acha este Catálogo. A maior parte dela transcreveu Buxtorfio no *Tesouro Gramático na Dissertação de re Hebræorum metrica*; os dois últimos Livros, que são o XVII e XVIII deu Genebordo em Latim e Hebraico em Paris em 1562 e 1563 em 8.º, os quais depois se reimprimiram na mesma cidade em 1587 e saíram também na *Isagoge ad Rabinorum Lutionem* publicada em 1578-8.º.

R. Moseh ben Chabib — Continuou e adiantou muito os mesmos estudos no Século XV o R. Moseh Ben Chabib Ben Schem Tob também Lisbonense e Indivíduo

da Academia de Lisboa, (êle mesmo no princípio do seu comentário ao *Bachinath olam* se intitula *da Santa Sinagoga de Lisboa em Portugal então residente em Hydrunti no Reino de Nápoles*) insigne Gramático e grande sabedor da Língua Santa, o qual para instrução dos seus, compôs três obras gramaticais de grande nome, que são as seguintes

Darce Nohum, isto é *Caminhos deleitosos*.

Foi impressa esta obra em Constantinopla e Veneza, no ano menor dos Judeus 300 (de C. 1546) em um vol. de 8.º.

Marphe Leson, isto é *Medicina da Língua*.

Foi esta obra também impressa em Constantinopla e em Veneza e no mesmo ano que a primeira e muito se aproveitou dela João Buxtorfio para a obra, que escreveu àcerca da *Poesia dos Hebreus*, como se vê do seu *Tesouro Gramático*, págs. 618, 631 e 637.

Parach Susan, isto é *Flor de Lúrio*.

Nesta obra desampara algumas vezes a doutrina dos antigos Gramáticos. (Disto o taxou R. Balmes na sua *Gramática*).

(Continua).

Visado pela Comissão de Censura